DISCURSO

Proferido pelo Dr. Thomaz Pompeu na sessão de 12 de Março de 1889
POR OCCASIÃO DE SUA POSSE DE SOCIO EFFECTIVO

SRS. DO INSTITUTO DO CEARÁ.

Triste contingencia é esta em que vos achaes de, ao acolherdes neste recinto novo companheiro de fadigas, aviventar as saudades amortecidas do que se partio dentre vós, levando para mundos ignotos as particulas imponderaveis do vosso affecto, o mysterio semi-transparente da harmonia de acção e de ideais, que tem mantido a existencia deste Instituto.

Digo—triste contigencia, porque, a despeito da multiplicidade de impressões que modificam incessantemente a percepção das cousas, não podemos olvidar acontecimentos que, por associação de ideias, voltam nos tenazmente á memoria.

O socio, a quem succedo neste Instituto, passou fugaz por entre vós como quem tinha pressa de chegar á suprema indifferença, ao immenso laboratorio da natureza, onde ella se compraz em operar engenhosas e secretas combinações, que geram a vida terrestre, e o subtil funccionamento cerebral, a que a sciencia chama--força—e a philosophia sentimental attribue existencia pessoal, independente ou perfeitamente autonoma.

O Dr. Sombra, por pouco expansivo no trato social, não deixou perceber claramente quaes fossem os principios ou a intuição philosophica que formava ou tinha dos variados problemas, na solução dos quaes se debate, quasi diletantemente a

intelligencia humana, sem lograr outro resultado senão transviar-se por devesas abstractas ao reconhecer-se improfiqua na investigação das origens e transformações remotas do ser.

Nem sei, Srs., si o meu antecessor pertencia á legião dos *espiritos contentes*, que se reputam na posse de quasi todas as verdades, porque lhes ensinou a crença dos primeiros annos que num dado livro dos livros, evangelho de todos os conhecimentos inspirado pela suprema sciencia, está encerrado o alpha e o omega de tudo que é bom, util e bello.

Seja-me permettido externar com a franqueza e probidade intellectual que requer este logar, quão mediocre sympathia voto ás intelligencias, que repudiam a faculdade de pensar por esperarem lhes desça a verdade num raio de divina inspiração, na doce indolencia de espirito, caracteristica da ignorancia ou da fé.

Pode haver merecimento na fortaleza com que os illuminados desta resistem aos embates da duvida e aos arremessos da razão penetrante e fria; mas qualquer que elle seja, é um producto da inercia mental, de modo de enfrentar resolutamente os problemas da vida, quando não systematica obsessão intellectual.

Os bonzos chinezes, os fakirs indianos, que arrostam impavidamente as torturas da carne, na immobilidade devota de seu culto, possuem em subido grau esta doença, cujo symptoma capital é o entorpecimento das faculdades raciocinativas.

Merecimento houvesse nessa quietude intencional do *espirito*, e seriam estes os eleitos da fé, os patriarchas do immobilismo, por terem sacrificado todos os gozos corporeos á sua acquisição, á almejada morte da faculdade de pensar.

Mas viver é o contrario disto: e na concorrencia vital das intelligencias primam as que são energicas e dispõem de noções mais completas sobre a evolução do individuo e das sociedades.

Bem ou mal, é preciso que a mentalidade humana seja violenta ou ligeiramente suggestiona-

da pelo desejo de saber ou de descobrir alguns dos antecedentes dos phenomenos, que continuam envolvidos em mysteriosa ignorancia. E só a duvida pode movel-a por ser o fanal miraculoso que guia, na noite sombria da intelligencia, os magos da sciencia; é ella, sem contestação, o mais benefico legado deixado ao ser pensante, e por meio do qual tem sido erguidos os mais sublimes monumentos do saber.

Não a eliminemos, nem por abstração, sob pena de supprimirmos essa meia felicidade que nos é dado gozar ao procurarmos desvendar os segredos da natureza. Cessai de dar pasto á fome de saber, e vereis como cahirá inanida a bella faculdade do raciocinio.

Eu não vos faço a injustiça de suppor que pretendais apropriar-vos de todas as verdades, engolfando-vos na sciencia do incognocivel; porque não vos desejaria a morte tediosa que os credos religiosos promettem a seus adeptos, como sendo a ultima e definitiva morada dos bemaventurados; pois desde o momento em que já nada mais poderdes desejar por tudo possuir, nem a verdade, nem o bello, nem o bem; desde que a intelligencia já não abrigar uma só illusão, senão realidades absolutas, cessou para ella o estimulo, a actividade para o trabalho, para abrir-se-lhe o sepulchro, o eterno aniquilamento.

E, comtudo, parece que o atavismo da raça, da qual procedemos, fadou-nos para alimentar a aspiração da sciencia absoluta sob as variadas denominações dadas pelos credos religiosos.

Nirvana ou Paraiso—o abysmo do aniquilamento attrahe todas as crenças que põem a perfeição para além da vida presente.

Essa facinação do desconhecido é, e sel-o-ha ainda por muito tempo, o principal movel das acções nas raças indo-europeas.

E, no entretanto, aquella pretensa perfeição é o repudio de toda ideia de progresso, de toda noção de movimento.

Suprema e mysteriosa contradição da natureza! Protesto da razão contra a autoridade que a condemna.

Referem os contos arabes de *Mil e uma noites* que num dos caminhos de Bassora para Bagdad, um fakir bemfazejo, mas indifferente aos gozos mundanos, presenteara ao pobre viajante que recorrera á sua industria com um unguento esquesito, o qual passado sobre as palpebras permettia-lhe desvendar as riquezas e ouropeis escondidos nas entranhas da terra.

Semelhante ao fakir, que nada reserva para si, mas illude os desejos humanos com deslumbrantes visões, é a meiga e modesta -fé que promette tudo em troco de migalhas de um quasi nada—do não raciocinar.

E' tempo de preservarmos a intelligencia do contagio dessas pomadas miraculosas, que a pretexto de nos saturarem de saber, condemnam-nos antecipadamente á saciedade por asphyxia do proprio pensamento.

Não é proposito meu ferir susceptibilidades religiosas, senão externar um modo pessoal de enfrentar certa ordem de problemas philosophicos.

Talvez seja o contraste das nossas doutrinas mais apparente que real, e que no intimo do pensamento de cada um haja accordo na solução d'aquelles problemas; talvez que a antinomia das proprias escolas philosophicas e das religiões proceda do temperamento e do ponto exclusivo em que se collocam os observadorss para julgal-a.

E' provavel que caminhemos para uma phase de syncronismo universal nas religiões e nas sciencias; e não sei si o espirito humano já conquistou mais de metade das verdades que lhe é dado comprehender; ignoro si, cansado de subir, de altear-se pela imaginação ou pelo raciocinio acima da phenomenalidade que o rodeia, terá de *ritornar*, como suppunha Vico, para recomeçar a faina das investigações; não sei si a civilisação descamba para o poente, e si, em breve, um crepusculo mais sombrio, que o da idade media, invadirá o ceu da intelligencia; mas seja quaes forem seus destinos, tenhamos esperança de que a *razão humana* não succumbirá, e que, embora prostada, saberá luctar até conquistar o fogo sagrado da verdade.

Por ora, atravessamos a phase de tolerancia, na qual todas as crenças, todas as opiniões tem direito aos foros cidadãos com a condição de se sujeitarem ao exame e á discussão.

Reina um como que cosmopolitismo no mundo das ideias, cosmopolitismo que procede da consciencia de que as seitas religiosas ou philosophicas são inherentes ao temperamento de cada povo, ao seu modo particular de existir, ás suas necessidades moraes e intellectuaes, filhas do meio em que evoluio e da raça de cuja fonte deriva.

Não haveria maior attentado contra a intelligencia do que submettel-a a um unico molde, encerral-a dentro de dogmas mais ou menos abstractos, desconhecendo-se os processos com que ella transforma as impressões physiologicas em noções scientificas.

Não insisti neste assumpto senão para lembrar-vos as influencias, que deveriam ter actuado sobre a orientação da mentalidade do fallecido Dr. Sombra.

Submettido desde muito cedo a estudos positivos, tendo por objecto o corpo humano é de suppor que na analyse da massa encephalica, nas circumvoluções do cerebro e na composição dos tecidos nervosos, tenha aprendido a duvidar da espiritualidade dessa *alma*, a cujos destinos a imaginação assignalou palacios encantados, alcatifados de predarias, scintillantes de luz.

Membro deste Instituto, parece que elle nunca teve occasião de externar considerações sobre esses pontos cardeaes do pensamento; e nem é de suppor que uma corporação de pessôas estudiosas, devotados ao conhecimento das cousas patrias, tivesse transposto, nas suas investigações litterarias, os limites da chronica historica ou o da demographia.

E' possivel que nos vossos colloquios semanaes uma ou outra vez viesse á pello taes problemas, ou outros que se prendem intimamente á indole do *Instituto*, qual seja por exemplo o modo de comprehender as vantagens dos estudos historicos.

Ainda sobre esse assumpto não vos quero deixar em duvida sobre as minhas opiniões.

Não sou apologista do que entre nós se entende por *historia*, e nem comprehendo que para o apresto ordinario da vida, para a lucta que incessantemente o homem trava para subsistir, seja-lhe necessario vergar a memoria ao peso de factos mal delineados pelo affastamento em que estão do presente, e de mediocre importancia para seu proceder ordinario.

Que somma de utilidade recolhemos em saber de cor os nomes dos imperadores, tyrannos, usurpadores, reis, etc., que dirigiram os destinos dos povos antigos e modernos, si não podemos penetrar no modo de sentir, de pensar, de crer, do viver moral e material de taes povos?

Quaes os documentos legados pelas eras mortas para reconstruir a alma dessa multidão anonyma que construio as pyramides do Egypto, que cinzelou a rocha dos pagodes de Hayderabad e de Ellora, que traçou atravez da Europa as estradas marciaes no tempo dos Cezares, que innudou a idade media de templos gothicos, e a moderna das gigantescas obras de engenharia?

A historia, tal como tem sido escripta, não passa de biographias em torno das quaes se aggrupam acontecimentos politicos ou administrativos de pouca relevancia para o estudo da evolução dos povos.

As tentativas em contrario feitas por Macauley, Buckle, Richard Green, Curtius, Mommsen, Montesquieu, Fustel de Coulanges, Taine e outros, mostram quão pouco se tem feito para aprofundar o conhecimento do sentir, pensar e obrar da humanidade atravez dos seculos.

E quem sabe se uma reconstrução tão larga, e tão viva do passado será possivel com os fragmentos que o tempo respeitou?

E quando uma tal obra fosse erguida pelo esforço cyclopico de muitas gerações de pacientes investigadores, que resultados scientificos compensariam tão ingente esforço?

Valeria a pena penetrar mais no intimo do

que chamamos alma humana para marcar-lhe os estagios, e prescutar o genesis do conhecimento?

E depois, Srs., quem sabe si a verdade não é triste como insinua o auctor dos *Dialogues philosophiques?*

Os estudos historicos valem menos para a hygiene intellectual e bem dos povos do que a demographia, por exemplo, cujas revelações são verdadeiros ensinamentos para os Estados e para o individuo.

A historia é o passado mais ou menos longinquo, é a sensação que se transformou, a lembrança que se vai apagando da memoria.

A natureza, que amortece a impressão e transmuda as sociedades, parece ter creado entre o homem actual e as eras mortas uma barreira invencivel, forçando-o a pensar e a curar mais do presente e do futuro que de epocas distantes, perdidas no passado.

Ha muito que fazer para aperfeiçoar as armas de combate com que os luctadores de hoje disputam as migalhas da vida; não é ao passado longinquo que iremos pedir lições; é na observação e nas experiencias dos nossos contemporaneos que precisamos aprender.

As indagações estereis ou simplesmente deleitaveis devem ceder procedencia á sciencia da vida e á do homem como ser social.

São esses os votos sinceros do ultimo dos membros do Instituto do Ceará.